

MATERIALISMO HISTÓRICO DIALÉTICO COMO PRÁXIS PEDAGÓGICA.

Autor: Melkzedek de Souza Feitosa e Leandro Pereira de Sousa Macêdo, graduandos do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia– Bloco VI – UESPI campus de Floriano.

Orientador: Prof. Msc. Robison Raimundo Silva Pereira

Resumo:

O presente artigo tem como objetivo através de análises bibliográficas expressarem o quanto é necessário uma concepção mais abrangente sobre a escola e a prática pedagógica, também apresenta o quanto é importante à aquisição de conhecimento em nossa sociedade, assim como o quanto é construtivo uma prática pedagógica embasada pelos preceitos materialista, histórico e dialético, bem como discutir como apresentar-se à educação nas instituições de ensino e como comportar-se como educador consciente de seu trabalho, procurando entender sua metodologia, apresenta exemplos de professores realmente engajados com o processo de ensino aprendizagem. O mesmo apresenta pontos a serem traçados por docentes munidos de uma concepção político ideológica progressista. Para isto estes escritos servem consistentemente como escopo e, mais que isto, um levante do que seria o ponto crucial para uma melhoria efetiva na prática educacional bem como na sociedade. Este ponto conseqüentemente é a atuação no trabalho docente.

Palavras-chave: Materialismo histórico e dialético. Práxis. Educação.

1. O conhecimento e sua relevância na sociedade.

Para que o indivíduo tenha um papel fundamental na sociedade que vivemos é importante que o mesmo apresente um bom desenvolvimento de suas habilidades bem como uma aquisição significativa de conhecimento, com isto o mesmo poderá contribuir positivamente na construção de uma sociedade melhor e o local mais adequado para isto é a escola. Entretanto isso não é o que acontece, pois são inúmeros os relatos de que a escola apesar de ser um local neutro e democrático não é o que acontece, pois a verdadeira democracia não reside neste local. A realidade da escola apresenta um quadro que dificulta o desenvolvimento de propostas inovadoras em função do caráter altamente burocrático e centralizador do sistema escolar brasileiro. (QUELUZ, 2003).

De fato, a escola em sua maioria forma dois tipos de cidadão que são aqueles que irão governar, ou seja, aqueles que possuem uma melhor instrução e os que serão governados que contrariamente aos governantes estes recebem uma educação precária falha levando os mesmos a formarem uma legião de semianalfabetos ou analfabetos funcionais munidos de pouca informação ou conhecimento.

Desta forma na sociedade atual o conhecimento tornou-se algo imprescindível tendo em vista que de fato vivemos na era da informação do conhecimento e o domínio sobre o mesmo não é dispensável, isto porque, esta firmemente relacionada com as inúmeras concepções dos indivíduos com relação à compreensão do mundo ao seu redor bem como as regras sociais que regem a sociedade na qual estamos inseridos. Assim, da mesma forma que ocorria nos tempos de outrora, o conhecimento, hoje tem posição decisiva na vida do cidadão. (MÉSZÁROS, 2008).

2. O materialismo histórico dialético como pilar metodológico pedagógico

Quando trabalhamos um sentido educacional baseado numa perspectiva materialista, histórica e dialética estamos considerando que tanto o indivíduo quanto seu pensamento está em constante transformação.

O materialismo é toda concepção filosófica que aponta a matéria como substância primeira e última de qual quer ser coisa ou fenômeno do universo. Para os materialistas a única realidade é a matéria em movimento, que, por sua

riqueza e complexidade pode compor tanto a pedra quanto os extremamente variados reinos animal e vegetal, e produzir efeitos surpreendentes como a luz, o som, a emoção e a consciência. (ALVES, 2010, p.03).

Ou seja, tomando como práticas de ensino consistente ao priorizar a adoção deste trabalho metodológico podem observar que tanto o professor quanto o aluno só terão a ganhar, pois este procedimento metodológico enfatiza um processo epistemológico em que tanto o aluno quanto o professor trabalham juntos no processo de construção do conhecimento que não é estático e esta em constante transformação, um conhecimento dialético que deve ser construído a partir do conflito de ideias:

A prática consciente de uma pedagogia que, na falta de palavra mais adequada eu chamaria de pedagogia do conflito, deveria criar uma certa linguagem na educação que leve o educador a reassumir o seu papel crítico dentro e diante da sociedade pela dúvida, pela suspeita, pela atenção, pela desobediência. (GADOTTI, 2003, p.59).

Sendo assim, de acordo com autor, quando assinalamos uma pedagogia do conflito, não buscamos a desordem pela desordem e sim uma prática de trabalho de conscientização do indivíduo e sua criticidade. Este tipo de ação pedagógica é de extrema importância no trabalho docente bem como para futuro do educando. Estes preceitos também são firmemente reconhecidos e reafirmados por Paulo Freire no que diz respeito ao comportamento do aluno em sua vida escolar:

O necessário é que, subordinado, embora, à prática “bancária”, o educando mantenha vivo em si o gosto da rebeldia que, aguçando sua curiosidade e estimulando sua capacidade de ariscar-se, de aventurar-se, de certa forma o “imuniza” contra o poder apassivador do “bancarismo”. Neste caso, é a força criadora do aprender de que fazem a comparação, a repetição, a constatação, a dúvida rebelde, a curiosidade não facilmente satisfeita, que supera os efeitos negativos do falso ensinar. (FREIRE, 1996, p.25)

Deste modo, o papel do educador é nada menos que o de estimular a criticidade no aluno, é tarefa fundamental de um professor comprometido com o amanhã de seu educando, que futuramente terá seu papel na edificação de uma sociedade igualitária. Um exemplo claro que podemos encontrar nas inúmeras práticas educacionais advindas de professores realmente comprometidos está o de uma professora uruguaia onde a mesma relata qual situação se deparou no seu primeiro dia como educadora em uma escola pública:

Havia observado, sim, que, ao iniciar os cursos, tanto meninas como meninos como alguma ancestralidade africana corriam a ocupar os bancos do fundo da sala, olhavam-me com desconfiança, outros com temor ou timidez e havia quem adotasse condutas hostis ou agressivas, comigo ou com seus colegas. (OLIVERA, Sonia Stella, 2011, p.110).

De fato muitos educandos, após anos de sofrimento com professores que, por não estarem realmente comprometidos com o aprendizado consistente de seus alunos, executam um mau trabalho acarretando conseqüentemente na perpetuação do processo de marginalização do aluno. O mesmo por ser um indivíduo que responde aos estímulos do meio, a criança rapidamente assimila que, de alguma forma, o educador acaba se tornando sinônimo de inóspito ou em casos extremos a sua presença desagradável, explicando assim os inúmeros casos de abandono escolar. Com isto, podemos notar que o aluno já saturado com experiências anteriores até mesmo como forma de autopreservação busca rapidamente os lugares mais afastados possíveis.

Mas como um indivíduo que adote o arcabouço teórico-metodológico materialista histórico dialético, ou seja, o indivíduo que busca um progresso real na sociedade como estamos defendendo nestes escritos, o educador nobre percebe que aquela realidade do aluno marginalizado pode ser transformada, e isto pode ser constatado na extrema destreza apresentada pela professora quando começou a modificar aquela realidade:

Geralmente, as meninas e meninos se oferecem para colaborar com o mestre em tarefas simples que fazem parte do cotidiano escolar: levar a lista de presença à secretaria da escola, pedir um material didático a outro grupo, pôr água nas plantas, dar de comer aos peixes do aquário da classe etc. Muitas vezes, percebia que alguma mão negra queria erguer-se e oferecer seu serviço, mas algo a detinha. O rosto de meninas e meninos, brancos e negros, ficava iluminado quando indistintamente se solicitava sua cooperação, sua participação. Todos íamos, vivencialmente descobrindo-nos e reencontrando-nos ao compreendermos que, todos e cada um, somos únicos e diferentes, que não há identidades superiores nem inferiores, e que não há espaço que sejam privilégios de uns ou de outros. (OLIVERA, 2011, p.111).

Como podemos ressaltar nas palavras da professora, ao observar o cotidiano da sala de aula esta se encontrava com um problema bastante comum, coisa que não deveria ser tão corriqueira, que são casos de alunos oprimidos devido a diversos fatores sociais, econômicos ou religiosos. Entretanto, a mesma, deparando-se com a atual situação, começa a transformá-la no momento em que envolve os alunos em atividades

comuns sem nenhuma distinção de educando para educando, fazendo com que ambos, professora e alunos, participem de um processo de emancipação mútua.

3. O sistema educacional formal e a exclusão que ele proporciona.

Mas devemos ressaltar que nem tudo é um mar de rosas e que nem todos os professores comungam dos mesmos ideais dialéticos desta professora uruguaia. Deve-se destacar que o sistema educacional formal, de alguma forma, peca ao trabalhar todo o alunado de forma igual, pois todos sabem que a escola pública é constituída de uma clientela plural onde, de certo modo, por se tratar de um sistema educacional que enfatiza e estimula o individualismo. Sendo assim, o alunado que se sobressai em relação aos outros, estes conseqüentemente terão um maior reconhecimento perante tanto à instituição escolar quanto à sociedade.

Com efeito, para que este aluno obtenha este reconhecimento o mesmo deve estar munido de uma boa bagagem cultural. Na maioria dos casos esses alunos provem das classes sócias mais estáveis economicamente e com mais tempo para enriquecer seus bens culturais, conseqüentemente adquirindo maior destaque perante os outros. Logo, em oposição, o aluno que provem das classes marginalizadas terá maior dificuldade para sobressair-se neste sistema seletivo e segregador:

Por tratar com a mesma linguagem crianças de classes sociais diferentes, a escola reproduz a desigualdade. Enquanto a criança de classe burguesa conhece essa linguagem, pois a vivi no cotidiano, a criança pobre se encontra diante de linguagem nova que terá de dominar com muito esforço e sacrificio. Esse fato se reflete no aprendizado dessas crianças, pois enquanto a primeira aprende com facilidade, e segunda terá muita dificuldade. E óbvio que o desempenho da criança pobre na escola capitalista será diferente do desempenho da criança rica. (MEKSENAS, 2007, p.74) apud FEITOSA, 2012, p. 2/3.

Tomando o que diz Meksenas anteriormente, compreende-se que a linguagem adotada nos modelos educacionais está de acordo com os interesses da classe dominante, isto é, age conseqüentemente marginalizando a criança que possui poder econômico baixo e em consequência disso apropriação cultural menor. Com isto, tendo como base esta eventualidade, podemos associar às inúmeras falhas de alunos das classes sociais laboriosas e subalternas em se adequarem aos modelos educacionais formais.

Diante disso, este tipo de atuação seletiva excludente praticada pelo professor conseqüentemente marginaliza mais ainda o aluno que é provindo das classes sociais

menos favorecidas condenando-o a uma vida de submissão alienado a um mundo imperialista baseado em classes sociais subjugadas a outras detentoras de poder político ideológico, sobretudo no sistema econômico capitalista.

4. A atuação do educador materialista histórico e dialético na prática transformadora.

Mas como foi apresentada anteriormente, a escola não é única; tanto o alunado possui uma constituição plural quanto o corpo docente que neste momento defronta se e confronta este sistema educacional excludente afim de tanto questioná-lo quanto destituí-lo.

Existem professores que se recusam a transmitir os valores da sociedade capitalista como os únicos verdadeiros. São professores que se empenham cada vez mais em desenvolver o senso crítico dos alunos, procuram denunciar em suas aulas as relações de poder e dominação presentes em sua sociedade. Existem professores que descobrem que também são da classe trabalhadora e por isso são sensíveis aos problemas que essa classe enfrenta. (MEKSENAS, 2007, p.82 apud FEITOSA, 2012, p.9).

Ou seja, a escola não é composta por um corpo discente conservador ou totalmente alienada, existem sim indivíduos, grupos, forças que lutam contra os ideais capitalistas e essas pessoas são os professores, diretores e principalmente os alunos que buscam um ideal maior, tornando assim a escola um verdadeiro espaço social compreendendo um processo de construção histórico:

[...] Todo criado é histórico. Se é histórico, é relativo. Acho que isso também pode ser aceito, pois é consequência: se é histórico, é relativo ao menos quanto ao tempo, isto é, houve um tempo em que não era, ou haverá um tempo em não será. (GUARESCHI, 2003, p.30).

Sendo assim, a história esta em constante transformação e o espaço escolar é de fato um excelente local para tal transformação, onde se proponha e efetue a verdadeira “luta” entre as classes sociais onde assim tal classe terá o seu local para defender suas ideias e a escola é um importante local para estes movimentos sociais:

A cada dia que passa, esses movimentos sociais se tornam também uma das forças progressistas que atuam sobre a escola. Desses movimentos surgem os pais que exigem bom atendimento escolar aos seus filhos, surgem também os alunos com senso crítico. A partir daí, muitos diretores e professores são forçados a tomar medidas que melhorem o padrão de ensino ou que modifique aspectos conservadores da escola. (MEKSENAS, 2007, p.83). Apud FEITOSA, 2012, p.5.

Em conformidade, estes ideários são comumente compartilhados pelos marxianos “O homem marxiano se recusa como um ser apenas determinado na/pela história, mas como transformador da história, sendo a práxis, a forma por excelência desta relação” (ALVES, p.02). Em consentimento, a escola pode sim ser um local de transformação social tendo em vista que a partir do momento em que as instituições formais apresentam valores e ideais capitalistas conservadores professores dialéticos trabalham em um sentido de desconstrução deste paradigma:

No plano pessoal, o individuo pode se tornar consciente ao detectar as contradições entre as representações que existem na sociedade ou no plano superestrutural, e as atividades específicas que ele desempenha na produção de sua vida material. (GUARESCHI, 2003, p.23/24).

Partindo desse pressuposto, é a partir deste pensamento que surge um novo tipo de educador o materialista histórico dialético por excelência sobre tudo empenhado num trabalho contra ideológico conservador marginalizante:

Uma das tarefas básicas que definem a postura do novo educador é a criação de uma contra ideologia, atenta aos serviços que a educação pode prestar a esse de todos os bens criados pelo trabalhador, uma contra ideologia capaz de mover ou tirar da imobilidade os agentes da educação, direcionando os para a pratica de uma educação que tente levar a participação das mais amplas massas de trabalhadores. (GADOTTI, 2003, p.81). Apud FEITOSA, 2012, p.4.

Sendo assim, em seu trabalho pedagógico um professor materialista histórico e dialético discorda de determinadas metodologias ou até mesmo não as aplicam, pois acreditam que o conhecimento não é estático parado centralizado apenas no professor, seu ideários são mais amplos que a simples ideia de que o educar é apenas mera transmissão de conhecimento, mas sim conivente com os preceitos materialistas onde tanto o indivíduo quanto o conhecimento estão em constante transformação, devemos destacar que esta premissa significa que o ato de educar exige constante consciência do sentimento do inacabado:

Aqui chegamos ao ponto de que talvez devêssemos ter partido. O do inacabamento do ser humano. Na verdade, o inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital. Onde há vida, há inacabamento. Mas só entre mulheres e homens o inacabamento se tornou consciente. (FREIRE, 1996, p.50)

Destarte, este sentimento de incompleto, inacabado ou algo em que se deve estar em constante busca, que funciona como força motriz no processo de mudança ou superação por parte dos indivíduos materialista histórico dialético. Com isto, alunos sustentados por estas bases ideológicas questionam, não aceitam a imposição educacional estática excludente em desacordo com sua realidade fazendo assim com que haja divergências e contribuindo para o próprio processo de construção histórico.

5. O pensamento como ferramenta de transformação social.

Assim, esta ação de construção histórica é firmemente dialética e está em constante transformação logo, segundo os preceitos marxistas também este entendida como materialista por excelência.

Isto posto, compreender o método é instrumentalizar-se para o conhecimento da realidade, no caso, a realidade educacional. O método materialista histórico-dialético caracteriza-se pelo movimento do pensamento através da materialidade histórica da vida dos homens em sociedade, isto é, trata-se de descobrir (pelo movimento do pensamento) as leis fundamentais que definem a forma organizativa dos homens durante a história da humanidade. (PIRES, p.05).

Como podemos notar no fragmento acima, a constante transformação do pensamento é ferramenta essencial na práxis de construção e reconstrução do sistema educacional, pois o mesmo encontra-se atualmente defasado, e não apenas por prédios mal conservados ou salas superlotadas ou até mesmo por alunos em series que não correspondem a sua idade escolar que, diga-se de passagem, reflexo de um descaso proveniente de professores ao qual o mesmo tenha estudado anteriormente em seu histórico escolar. Porém, por outro lado, não devemos nos ater a apenas estes exemplos, pois o atual quadro em que se encontra a educação em nosso país é um conjunto que engloba todos estes pontos formando uma imensa rede que ao final constitui um todo.

Em todo caso, não tão distante isso pode ser encontrado cotidianamente durante um trivial passeio na rua, ou ao parar o veículo em um sinal e deparamo-nos com adolescentes e jovens em sinais implorando por algumas moedas sobrevivendo como moradores de rua, o que pode ser facilmente encontrado em noticiários de revistas e jornais como destacado nesta matéria:

O que você imagina quando ouve falar em arranha-céus, praia, quiosques, calçadão e muito sol? Jamais vem à mente pessoas dormindo no chão, fogareiro aceso, papelão, baldes cheios d'água e histórias de vida bem parecidas. Esse cenário pode ser visto, diariamente, na Rua dos Navegantes, em Boa Viagem, Zona Sul do Recife. A área nobre da capital pernambucana está repleta de pessoas que dormem pelas calçadas, preparam a alimentação

no meio-fio, lavam as roupas e tomam banho ali mesmo, enquanto as pessoas passam do outro lado da rua. Os grupos são pequenos, de três a cinco homens. Todos têm entre 21 e 25 anos. Além da idade, eles compartilham a história pela qual chegaram a esta situação. (OLIVEIRA, UOL, 2012)

Dessa forma, uma verdadeira concepção de educação deve considerar que a escola apesar de transparecer um local onde se apresenta como instituição única e neutra, a mesma é dotada de um público múltiplo onde tanto alunos quanto professores podem reproduzir concepções ideológicas que marginalizam quanto trabalham em desacordo com esta lógica fazendo com que este espaço se torne um espaço dialético, resultando de fato em um autêntico processo de construção histórica, desta forma devemos destacar que educação é humanização.

O conhecimento como instrumento particular do processo educacional, pode ser tratado de forma a contribuir ou a negar o processo de humanização. Neste sentido, pensemos sobre o que é a educação: o trabalho educativo é o ato de produzir, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida historicamente e coletivamente pelo conjunto dos homens. (PIRES, p.08)

Quer-se dizer, o próprio conhecimento é essencialmente forma de resgate social daqueles que por inúmeras razões vivem ou mesmo sobrevivem às margens da sociedade que servem apenas como números que preenchem estatísticas e por seu status social é excluído e subjugado tendo que se abdicar de seus direitos por muitas vezes nem mesmo a ter tido acesso a tais conhecimentos o mesmo um indivíduo neutro dócil alienado ao mundo em que está inserido.

Consequentemente esta realidade seria diferente se houvesse o total compromisso do sistema educacional bem como dos professores com o futuro de meninos e meninas que futuramente contribuirão para o crescimento de nosso país. Com isto, prática de ensino ou trabalho docente exige do professor compromisso ou até mesmo um querer bem ao alunado, sentido que pode ser bem interpretado nas palavras de Paulo Freire:

Esta abertura ao querer bem não significa, na verdade, que, porque professor me obrigo a querer bem a todos os alunos de maneira igual. Significa, de fato, que a afetividade não me assusta que não tenho medo de expressá-la. Significa esta abertura ao querer bem a maioria que tenho de autenticamente selar o meu compromisso com os educandos, numa prática específica de ser humano. (FREIRE, 1996, p.141)

Certamente, o trabalho docente exige compromisso e dedicação bem como sentimento de constante transformação e superação de obstáculos. Situações problema

são constantes no trabalho docente, pois o espaço escola por ser um local com uma vasta pluralidade de raça/etnia e nacionalidade e são inúmeros os exemplos que podemos destacar sobre problemas encontrados em sala de aula, mas vamos nos ater a este:

Vamos à história: uma menina negra, de três anos, passou a frequentar a pré-escola. Após algumas semanas de “aula”, começou a chorar e a recusar-se a ir para a instituição sem, no entanto, verbalizar motivos que pudessem justificar tal atitude. A mãe foi procurar a professora, que também não conseguia explicar o fato, e ambas procuraram conversar e observar mais detidamente a criança para poder entender o que vinha acontecer. Depois de repetidas e variadas abordagens, a menina explicou à mãe que não queria mais ir para a escola porque, ali ela tinha descoberto que “não podia ser anjo”. (MEYER, 2011, p.39)

De fato, professores e professoras despreparados que trazem consigo para a sala de aula muitas vezes de forma inconsciente certos valores reproduzidos perante seus alunos constringendo-os ou ofendendo-os de algum modo. Valores estes que consequentemente afetam diretamente seus alunos, estes valores podem ser ideológicos, religiosos, étnicos, econômico sociais, etc. Todo cuidado é pouco no que diz respeito a prática pedagógica, para que a mesma não se torne em muitos casos uma ferramenta de marginalização social de seus educandos.

6. Considerações finais

Depreende-se que, antes de tudo podemos observar que são várias as formas ideológicas e pedagógicas encontradas na escola, e principalmente na escola pública que é direcionada a maior parte da população, por esta característica a mesma torna-se local de ideários individualistas e práticas marginalizadoras por parte de professores que na maioria dos casos são mal formados ou carregados de políticas ideológicas excludentes e as aplicam em seus alunos práticas pedagógicas que não consideram o quão é plural a sala de aula, mas a escola é um espaço social e por este motivo não é constituído por apenas uma concepção ideológica e é neste momento que se apresenta o educador materialista histórico dialético que considera que tanto o indivíduo quanto seu pensamento e suas ideias estão em constante transformação, e sobre estes pilares metodológicos eles juntamente com seus educandos constroem em conjunto o conhecimento, desmistificando assim a ideia de que apenas o professor é detentor de conhecimento e combatendo as inúmeras práticas exclusivas ocorridas na escola.

Notamos também que a história está em constante movimento em conjuntura com os sujeitos históricos, favorecendo assim a constante transformação e a atuação do materialista dialético que ao deparar-se muitas vezes com situações que estão em desacordo com a realidade escolar, ou fatos que prejudicam o seu meio social, este busca formas de transformar tais irregularidades que estão prejudicando a sociedade em que se encontram estes são professores que se recusam a trabalhar conteúdos que não estão de acordo com a realidade de seus alunos ou estimulando os que se encontram mais acanhados em sala de aula para que participem mais das atividades fazendo com que os mesmos não se sintam excluídos socialmente.

Constatamos que no trabalho docente é imprescindível que o professor tenha cuidado com pré-julgamentos, pré-conceitos ou rotulações, pois eles podem tornar o trabalho didático inviável levando o aluno a marginalização e exclusão social, entretanto através de uma atuação fortemente trabalhada pelo educador a realidade de um aluno marginal é transformada tirando-o das sombras do esquecimento social e devolvendo-o a uma vida de possibilidades, não apenas isto, mas oferecendo-lhe a chance de tornar-se um sujeito histórico social um ser de transformação consciente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALVES, Alvaro Marcel, **O método materialista histórico dialético: alguns apontamentos sobre a subjetividade.** Revista de Psicologia da UNESP, 2010.

ARAÚJO-OLIVERA, Sonia Stella. Lendo pegadas para construir o futuro. **In. Experiências étnico-culturais para a formação de professores** / organizado por Nilma Lino Gomes e Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva. – 3. Ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011. – (Coleção Cultura Negra e Identidade).

FEITOSA, Melkzedek. **Educação: as mudanças não devem ser radicais apenas na forma, mas, sobretudo na essência.** ANAIS DO IV FIPED- REALIZA EDITORA, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa** / Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).

GADOTTI, Moacir, **Educação e Poder: Introdução à Pedagogia do Conflito** / Moacir Gadotti; 14. Ed.- São Paulo: Cortez, 2005.

GUARESCHI, Pedrinho. **Sociologia crítica: alternativas de mudança.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

MEKSENAS, Paulo, **Sociologia da Educação: Uma introdução ao estudo da escola no processo de transformação social.** São Paulo: Loyola, 2007.

MÉSZÁROS, István, 1930 - **A educação para além do capital.** São Paulo: Boitempo, 2008.

QUELUZ, Ana Gracinda. **O trabalho docente: teoria e prática.** O trabalho docente: teoria e prática/ Ana Gracinda Queluz (orientação) Mirter Alonso (org.) São Paulo: Pioneira Thopsom leioring. 2003.

OLIVEIRA, Carla <http://ne10.uol.com.br/canal/cotidiano/grande-recife/noticia/2012/05/03/dois-mundos-em-um-mesmo-lugar-esta-e-a-realidade-das-ruas-em--boa-viagem-340656.php>